

Minas revoluciona o ensino público com a descentralização na sua rede de escolas

Diretores são eleitos por alunos e professores, acabando com indicações políticas

Renato Scapolatempore

• BELO HORIZONTE. Uma revolução feita na ponta do giz e no bolso, tirando as escolas das mãos do fisiologismo político e entregando-as a quem freqüenta seus bancos: diretores, professores, alunos. A volta por cima na rede pública estadual de ensino de Minas, uma das melhores do país e que ano passado ganhou prêmio da Unicef, foi resultado de uma série de mudanças que vêm sendo implantadas desde 1991. O ponto de

partida dessa revolução foi a autonomia das escolas. O poder de decisão, até então concentrado na Secretaria estadual e nas suas regionais, foi transferido para as comunidades escolares.

Antes das mudanças, as decisões eram tão centralizadas que as 6.150 escolas da rede estadual não conseguiam comprar uma caixa de giz sem ter que recorrer à Secretaria de Educação do estado e às suas regionais. Hoje, elas recebem periodicamente verbas para a compra de material, de

merenda e para executar pequenas obras nas suas dependências. Com isso, a merenda escolar melhorou sensivelmente. Há fartura de carne, cereais, verduras e frutas nas cantinas.

As verbas enviadas para as escolas são administradas pela comunidade escolar. Diretor, professores, alunos e seus pais se reúnem para decidir o que fazer com o dinheiro e fixar as metas a serem cumpridas. O diretor não é mais indicado por deputados ou amigos do governador, responsá-

vel por todas as decisões. Ele é obrigado a ouvir o que a comunidade tem a dizer porque foi posto no cargo por ela, através de eleição direta.

As mudanças no ensino não param por aí. O Governo investiu também na capacitação dos professores. Recentemente, o estado ganhou prêmio da Unicef pela qualidade do seu ensino. A repetência escolar, que era de 43,2% em 1991, caiu para 18,2% em 95. Isso num universo de três milhões de alunos. ■